



A produção de farinha em Coquelândia (MA): cultura, identidade e extensão universitária

Flour production in Coquelândia (MA): culture, identity and university extension

José Geraldo Pimentel Neto 

Doutor em Desenvolvimento Urbano
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil
gerageo@gmail.com

Keilha Correia da Silveira 

Doutora em Geografia
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil
silveira.kc@gmail.com

Pedro Alexandre de Lima 

Graduando em Geografia Licenciatura
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil
pedro.alexandre.lima@uemasul.edu.br

Guilherme Araújo Almeida 

Graduando em Geografia Licenciatura
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil
guilherme.almeida@uemasul.edu.br

Janaina de Araujo Pimenta 

Mestra em Educação
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Brasil
janaina.almeida@uemasul.edu.br

Resumo

Este artigo analisa a produção de farinha no povoado Coquelândia (MA) como prática articuladora de dimensões produtivas, culturais e educativas, no contexto de uma ação extensionista vinculada ao curso de Geografia Licenciatura. O objetivo é compreender como o “fazer-farinha” pode atuar como mediação entre saberes tradicionais e ensino de Geografia. A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseia-se



<https://doi.org/10.28998/contegeo.11i.25.20164>

Artigo publicado sob a [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 21/10/2025

Aceito em: 14/05/2026

Publicado: 07/06/2026

e-Location: 20164

em observação participante, registros em caderno de campo e relatos de alunos da educação básica e trabalhadores, no âmbito de atividades desenvolvidas em sala de aula, aula de campo e socialização cultural. Os resultados foram organizados em quatro dimensões analíticas: sociocultural, educativa, acadêmica e tensões e limites. Os achados evidenciam que a Casa de Farinha constitui um espaço de produção de sentidos, articulando práticas produtivas e saberes locais. A inserção dos discentes em atividades no território favoreceu a compreensão de conceitos geográficos a partir da realidade vivida, enquanto a experiência extensionista contribuiu para a formação docente. Ao mesmo tempo, identificaram-se limites institucionais e condicionantes estruturais que impactam a continuidade das ações. O estudo contribui ao evidenciar o potencial do território vivido como recurso didático e ao discutir a extensão universitária como espaço de articulação entre ensino, pesquisa e comunidade.

Palavras-chave: *extensão universitária; geografia cultural; saberes tradicionais; território; casa de farinha.*

Abstract

This article analyzes cassava flour production in the rural community of Coquelândia (MA, Brazil) as a practice that articulates productive, cultural, and educational dimensions within the context of an extension activity linked to a Geography teacher education program. The objective is to understand how the fazer-farinha (cassava flour-making process) can act as a mediating element between traditional knowledge and Geography teaching. The research adopts a qualitative approach, based on participant observation, field notes, and reports from basic education students and local workers, within activities developed in the classroom, during fieldwork, and through cultural socialization. The results were organized into four analytical dimensions: sociocultural, educational, academic, and tensions and limits. The findings show that the flour house constitutes a space of meaning-making, articulating productive practices and local knowledge. The engagement of undergraduate students in territorial activities contributed to the understanding of geographical concepts grounded in lived reality, while the extension experience supported teacher education. At the same time, institutional limitations and structural constraints were identified, affecting the continuity of both the actions and the practice itself. The study contributes by highlighting the potential of lived territory as a pedagogical resource and by discussing university extension as a space for articulating teaching, research, and community engagement.

Keywords: *University extension; Cultural geography; Traditional knowledge; Territory; Flour house*

INTRODUÇÃO

A curricularização da extensão no ensino superior brasileiro, definida pela Resolução CNE/CES nº 7/2018, estabeleceu a obrigatoriedade de que, no mínimo, 10% da carga horária dos cursos de graduação seja destinada a atividades extensionistas. Essa diretriz fortalece a integração entre universidade e sociedade, ao

consolidar a extensão como dimensão indissociável do ensino e da pesquisa. Nessa perspectiva, a extensão assume caráter formativo, em consonância com a concepção de educação dialógica proposta por Paulo Freire (1996, 2011).

Nesse contexto, insere-se o Projeto de Extensão IDENTIDADES, desenvolvido em 2025 no curso de Geografia Licenciatura da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), com a participação dos discentes do 3º período, no âmbito das disciplinas de Geografia Agrária, Geografia Cultural e Métodos de Pesquisa no Espaço Escolar. Com carga horária extensionista de 45 horas, o projeto teve como objetivo identificar e divulgar manifestações culturais presentes em Imperatriz (MA), fortalecendo identidades locais por meio da integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Dentre os seis subprojetos desenvolvidos no projeto IDENTIDADES, este artigo apresenta a investigação sobre a produção de farinha no povoado Coquelândia, situado na zona rural de Imperatriz, a aproximadamente 36 km do centro urbano. O povoado caracteriza-se por sua tradição agrícola e pela preservação de práticas de subsistência que expressam modos de vida e identidades culturais, entre as quais se destaca a farinhada, entendida como prática coletiva e socialmente significativa.

Diante desse recorte, o estudo tem como objetivos: (i) compreender o funcionamento da Casa de Farinha e seu processo produtivo; (ii) caracterizar o ambiente sociocultural do povoado; e (iii) analisar como moradores, produtores e alunos da educação básica percebem a farinhada como parte de seu território e de suas referências culturais.

A partir desses objetivos, o artigo propõe uma análise das dimensões socioculturais, educativas e formativas associadas às práticas da produção de farinha, evidenciando seu papel como mediação entre saberes tradicionais e ensino de Geografia no contexto da extensão universitária.

REFERENCIAL TEÓRICO

A cultura constitui uma categoria central para a Geografia ao possibilitar a análise das práticas sociais que produzem sentidos, valores e significados atribuídos ao espaço. Para Claval (2007), a cultura é formada por sistemas simbólicos, valores e práticas compartilhadas por uma coletividade. Nesse sentido, não se limita à dimensão material, mas envolve modos de vida, saberes e representações que se

expressam nas relações cotidianas entre sociedade e espaço. Assim, o fazer-farinha em Coquelândia pode ser compreendido como prática cultural que preserva saberes transmitidos entre gerações.

A noção de ruralidade amplia essa compreensão ao situar a farinhada como prática vinculada ao território camponês. Wanderley (2001) enfatiza que o rural não se limita a um espaço físico, mas envolve relações sociais, modos de produção e formas de convivência que articulam economia, cultura e identidade. Abramovay (2007), por sua vez, aponta que o rural contemporâneo é marcado por dinâmicas de permanências e transformações, nas quais práticas tradicionais coexistem com novas demandas sociais. Nesse contexto, o povoado de Coquelândia pode ser entendido como espaço de ruralidade viva, em que a produção de farinha articula subsistência e pertencimento.

No campo da identidade, Hall (2006) lembra que esta é construída socialmente, a partir de processos de interação e compartilhamento de experiências. Em Coquelândia, a identidade comunitária está fortemente associada ao fazer-farinha, que ultrapassa o caráter econômico e se configura como expressão de pertencimento e memória coletiva. Como destacam Linhares e Santos (2014), a farinhada integra trabalho, sociabilidade e transmissão de saberes, constituindo-se como elemento estruturante da vida comunitária.

A Geografia Cultural contribui para compreender essas práticas ao evidenciar como as ações humanas transformam o espaço em paisagem cultural. Para Caetano e Bezzi (2003), as paisagens adquirem significado a partir das práticas sociais e dos sistemas simbólicos que lhes conferem identidade. Nesse sentido, a Casa de Farinha pode ser entendida como espaço onde se materializam saberes, tradições e formas de organização social.

Estudos recentes evidenciam a farinhada como prática coletiva que envolve diferentes etapas do cultivo e beneficiamento da mandioca, articulando trabalho, cooperação e relação com o território (Silva; Lima-Payayá, 2024). Nesse contexto, a produção artesanal, predominantemente familiar e organizada de forma cooperativa, desempenha papel central na subsistência e no fortalecimento dos vínculos comunitários, constituindo-se como vivência cultural que integra trabalho, sociabilidade e identidade, transmitida entre gerações e marcada por permanências e transformações (Linhares; Santos, 2014; Marques; Fortes, 2023).

No campo da educação, Freire (1996, 2011) destaca a importância de reconhecer os saberes dos sujeitos como parte do processo formativo, compreendendo o ensino como prática dialógica e contextualizada. Nessa perspectiva, a escola deve promover a leitura crítica da realidade, articulando conhecimentos científicos e experiências vividas. Brandão (2014) reforça esse entendimento ao destacar a relação entre cultura, educação e formação crítica.

Assim, ao articular cultura, ruralidade, identidade e educação, a produção de farinha configura-se como prática que ultrapassa a dimensão econômica, constituindo-se como referência para a compreensão do território e para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas no ensino de Geografia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, fundamentada nos princípios da extensão universitária curricularizada e na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e comunidade. Teve como foco a prática da produção de farinha no povoado Coquelândia, buscando compreender sua dimensão cultural, produtiva e identitária, bem como sua inserção no processo formativo de discentes da graduação.

Participaram da pesquisa dois discentes do 3º período, três docentes, além de 28 alunos do 9º ano da Escola Municipal Dom Pedro I e 17 produtores e moradores do povoado de Coquelândia, selecionados com base no critério de disponibilidade e participação voluntária, considerando o caráter qualitativo da investigação, voltada à compreensão das experiências vivenciadas, e não à representatividade estatística.

As atividades seguiram os princípios éticos da pesquisa em Ciências Humanas, com participação voluntária, autorização prévia da direção da escola, consentimento dos responsáveis pelos alunos da educação básica e garantia de anonimato dos sujeitos, sendo os dados utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e educativos.

O contato e a mobilização com a comunidade ocorreram de forma direta, uma vez que os discentes responsáveis pela pesquisa são moradores do próprio povoado, o que favoreceu a construção de vínculos de confiança e a inserção nas práticas observadas.

O percurso metodológico do subprojeto foi estruturado em cinco etapas articuladas. A primeira consistiu no planejamento e integração curricular, realizada

entre março e abril de 2025, envolvendo a definição do objeto de estudo, elaboração do plano da proposta extensionista e alinhamento entre as disciplinas participantes. A Geografia Agrária contribuiu para a compreensão das relações produtivas e da ruralidade; a Geografia Cultural fundamentou a análise das práticas culturais e identitárias; e a disciplina de Métodos de Pesquisa no Espaço Escolar orientou a elaboração dos instrumentos de coleta de dados e das atividades educativas.

A segunda etapa correspondeu à pesquisa de campo e coleta de dados, realizada entre abril e maio, por meio de visitas à Casa de Farinha em Coquelândia, envolvendo observação participante das etapas do processo produtivo, registro fotográfico e relatos dos produtores e alunos da educação básica. O contato direto com o espaço e com os trabalhadores possibilitou observar aspectos relacionados à importância econômica e cultural da farinhada, à transmissão de saberes e à organização comunitária do trabalho.

A terceira etapa, realizada entre abril e junho, envolveu o desenvolvimento de materiais pedagógicos com base nos dados coletados em campo. Esses materiais incluíram apresentações em slides e fichas de atividades para uso em sala de aula sobre identidade territorial, espaço rural e patrimônio cultural. Essa etapa assegurou a devolutiva pedagógica à escola e à comunidade. Também foi planejada a apresentação cultural para divulgação pública dos resultados da pesquisa, fortalecendo o caráter extensionista da ação.

O desenvolvimento das atividades educativas foi a quarta etapa. Ocorreu no mês de junho, com os alunos do 9º ano da Escola Municipal Dom Pedro I, povoado de Coquelândia – Imperatriz (MA). As atividades envolveram aulas dialogadas, exposição de registros fotográficos e visita técnica à casa de farinha, aproximando o conhecimento escolar da realidade local.

A quinta etapa, referente à culminância cultural, ocorreu em julho de 2025, com a apresentação da “Dança da Farinhada” em praça pública, organizada pelos próprios produtores da comunidade e os discentes do subprojeto. Essa atividade integrou a dimensão cultural e educativa do subprojeto, ampliando a visibilidade da prática da farinhada na comunidade.

Após a finalização dos subprojetos, foi realizado na universidade uma roda de conversa avaliativa entre os participantes do Projeto IDENTIDADES, na qual os

discentes socializaram suas experiências e refletiram sobre a curricularização da extensão em sua formação acadêmica.

RESULTADOS

Os dados evidenciam que o projeto de extensão contribuiu para a compreensão da Casa de Farinha como espaço de produção, sociabilidade e expressão cultural no povoado de Coquelândia. A partir das observações de campo, dos relatos dos produtores e dos alunos da educação básica, o “fazer-farinha” foi compreendido como prática que articula dimensões econômica, cultural e pedagógica, destacando sua relevância para o fortalecimento das identidades locais.

A experiência foi desenvolvida em três momentos articulados: atividades em sala de aula, voltadas à introdução do tema; aula de campo na casa de farinha; e socialização dos resultados por meio da apresentação cultural. Embora essas etapas tenham seguido uma sequência cronológica, os resultados são apresentados a partir de uma organização analítica, com vistas a aprofundar sua interpretação.

Para fins de análise, os resultados foram estruturados em quatro dimensões interrelacionadas: (i) sociocultural, que destaca a Casa de Farinha como espaço de memória e organização comunitária; (ii) educativa, na articulação entre escola e território; (iii) acadêmica, relacionada à formação dos discentes; e (iv) tensões e limites do processo extensionista.

DIMENSÃO SOCIOCULTURAL

A casa de farinha de Coquelândia apresenta-se como um espaço que articula dimensões produtivas, sociais e culturais, constituindo-se como elemento central na organização da vida local. Durante a atividade de campo, observou-se que o processo de produção da farinha envolve diferentes etapas, como descascamento, lavagem, moagem, prensagem e torra da macaxeira, realizadas de forma coletiva, com a participação de diferentes membros da comunidade.

Esse processo ocorre em um ambiente marcado pela interação entre gerações, no qual adultos, jovens e, em alguns casos, crianças participam das atividades, seja diretamente na produção, seja no apoio às etapas do trabalho. Nesse sentido, a Casa de Farinha ultrapassa sua função técnica, configurando-se como um lugar de

convivência, aprendizagem e compartilhamento de experiências. A presença simultânea de diferentes faixas etárias indica que os saberes envolvidos na farinhada não se restringem ao domínio de técnicas produtivas, mas são transmitidos no interior das relações sociais que se estabelecem nesse espaço.

Durante a observação, foi possível identificar a coexistência de elementos tradicionais e adaptações contemporâneas no processo produtivo. Equipamentos como motores elétricos convivem com utensílios manuais, evidenciando que a prática da farinhada não é estática, mas se adapta às condições e necessidades locais, sem romper com as referências culturais que lhe conferem identidade. Essa articulação entre permanência e mudança permite compreender a farinhada como prática dinâmica, que se atualiza sem perder enraizamento histórico.

Nesse contexto, a Casa de Farinha pode ser compreendida como uma paisagem cultural, conforme proposto por Claval (2007), na medida em que materializa práticas sociais, saberes e valores construídos historicamente. A disposição dos objetos, a organização do espaço e a dinâmica das atividades revelam uma forma específica de relação com o território, na qual o trabalho e a cultura se entrelaçam, produzindo sentidos que ultrapassam a dimensão estritamente produtiva.

Além da dimensão produtiva, a farinhada envolve práticas simbólicas e relacionais que reforçam seu caráter cultural. Durante o processo, os trabalhadores fazem cantorias, rodas de conversa e momentos de interação coletiva, nos quais os participantes compartilham experiências sobre o trabalho, a vida no povoado e suas trajetórias pessoais. Esses momentos contribuem para a construção de memórias e para a transmissão de saberes entre gerações, configurando a farinhada como um espaço de sociabilidade e de produção de pertencimento.

Essa dimensão foi ampliada no âmbito da ação extensionista, realizada durante a quermesse do povoado como culminância do projeto. Organizadas pelos próprios produtores, a atividade evidenciou a capacidade de ressignificação da prática, ao deslocar elementos do cotidiano produtivo para um contexto festivo e público, ampliando sua visibilidade. “Depois que a gente dançou várias pessoas começaram a perguntar coisas da casa de farinha. Disseram que foi linda a dança. Agora a gente tem que apresentar todo ano essa dança” (Trabalhador, registro de campo, 2025).

Os relatos evidenciam que a dança da farinhada contribuiu para ampliar a visibilidade da prática e fortalecer seu reconhecimento como manifestação cultural no

interior da comunidade. Ao deslocar elementos do cotidiano produtivo para um contexto festivo, a atividade possibilitou a ressignificação da farinhada como expressão identitária, tornando explícitos valores e significados que, no cotidiano, permanecem muitas vezes naturalizados.

Ao mesmo tempo, as falas dos trabalhadores revelam preocupações relacionadas à continuidade dessa prática no contexto atual: “É importante que os alunos conheçam a história da gente, que saibam como produzir, porque essa juventude não se interessa em dar continuidade à produção de farinha, querem trabalhar em outra coisa” (Trabalhador, registro de campo, 2025).

Esse relato evidencia a tensão entre a valorização da prática tradicional e as transformações socioeconômicas que influenciam as escolhas das novas gerações, indicando possíveis mudanças na centralidade da farinhada no cotidiano local.

Por outro lado, a produção da farinha é atravessada por limitações estruturais, como a disponibilidade de matéria-prima e o acesso à terra. “A Casa de Farinha passa 1, 2 meses sem funcionar porque não tem macaxeira. O pessoal planta no quintal e aí junta tudo e vem produzir. Falta terra para produzir macaxeira” (Trabalhador, registro de campo, 2025). No entorno da Casa de Farinha há plantações de macaxeira, mas “serve só para comer. É muito pouca, não dá para fazer farinha”. (Trabalhador, registro de campo, 2025).

Essas condições indicam que a farinhada não pode ser compreendida apenas como prática cultural, mas como atividade inserida em relações econômicas e territoriais que condicionam sua realização, evidenciando a interdependência entre cultura e condições materiais de produção.

A apresentação da “Dança da Farinhada” em praça pública (Figura 1) sintetiza essa articulação entre produção, cultura e extensão, ao transformar o trabalho cotidiano em linguagem artística e educativa. A apresentação contou ainda com vestimentas típicas e com os instrumentos utilizados no processo produtivo, reforçando o caráter identitário da manifestação cultural e evidenciando que práticas produtivas também constituem formas de expressão simbólica. Como destacam Linhares e Santos (2014), o “fazer-farinha” integra dimensões de sociabilidade, memória e tradição.

Figura 1 – Apresentação da Dança da Farinhada em praça pública



Fonte: dados da pesquisa (2025)

Realizada em espaço público, a atividade integrou escola, universidade e comunidade, ampliando a visibilidade da cultura local e evidenciando o potencial da farinhada como elemento de mediação entre diferentes contextos sociais. O registro em vídeo¹ foi utilizado como recurso complementar de memória e apoio a atividades educativas, sem compor o corpus analítico da pesquisa.

A análise dos elementos apresentados permite compreender a Casa de Farinha como uma expressão concreta da relação entre cultura e território, na qual práticas produtivas, saberes tradicionais e formas de sociabilidade se articulam. Mais do que um espaço de produção de alimentos, a Casa de Farinha constitui-se como um espaço de produção de sentidos, identidades e memórias.

Do ponto de vista social, verificou-se que a valorização da farinhada não é homogênea, revelando disputas simbólicas e diferentes percepções sobre o papel na economia e na identidade local. Esses aspectos evidenciam que essa paisagem cultural está em constante transformação, sendo atravessada por mudanças econômicas e sociais.

DIMENSÃO EDUCATIVA

A dimensão educativa foi desenvolvida em três momentos articulados: (i) atividades em sala de aula, (ii) aula de campo na Casa de Farinha e (iii) socialização dos resultados por meio da apresentação cultural. Esses momentos estruturaram o processo de aprendizagem, permitindo a articulação entre teoria e prática.

¹ Para assistir o vídeo acesse: https://youtu.be/gpx69Hj5uGM?si=nxx1DQRyBOfL_vjg

As atividades iniciais, realizadas em sala de aula, buscaram apresentar aos alunos a produção de farinha destacando sua importância histórica e social para o povoado. Por meio de imagens e relatos, os alunos foram introduzidos ao funcionamento da Casa de Farinha e aos instrumentos utilizados em cada etapa do processo produtivo (Figura 2). O diálogo em sala de aula (Figura 3) favoreceu a reflexão sobre a importância dessa prática no contexto do povoado, contribuindo para a construção de um olhar mais atento sobre o espaço vivido.

Figura 2 – Apresentação em sala de aula sobre a casa de farinha



Fonte: dados da pesquisa (2025)

Figura 3 – Diálogo sobre a importância da casa de farinha



Fonte: dados da pesquisa (2025)

Esse momento evidenciou a dimensão educativa defendida por Freire (1996, 2011), ao reconhecer os saberes populares como parte do processo formativo. Os alunos demonstraram curiosidade, reconheceram a complexidade do processo produtivo e compartilharam experiências pessoais. O relato de um aluno que auxilia a família na produção contribuiu para aproximar o conteúdo escolar da realidade local, favorecendo maior envolvimento da turma.

Na etapa seguinte, realizou-se a visita à Casa de Farinhada Estrada do Arroz (ver Figura 4), localizada a aproximadamente 500 metros da escola. Construída em 2018 por iniciativa comunitária e parcerias institucionais, essa estrutura consolidou-se como espaço produtivo e simbólico, marcado por cooperação e identidade territorial, conforme discutem Wanderley (2001) e Abramovay (2007).

Figura 4 – Visita a Casa de Farinhada Estrada do Arroz, em Coquelândia (MA)



Fonte: dados da pesquisa (2025)

A implantação da casa de farinha² representou uma conquista relevante, fortalecendo a organização social e ampliando as condições de produção. A casa possui uma pequena área de plantio utilizada para o cultivo de macaxeira para subsistência e estruturas em alvenaria para a produção.

No pátio externo, os produtores realizam manualmente o descascamento das raízes e utilizam tanques de água para a lavagem e o amolecimento, como se observa nas Figuras 5 e 6. Essas imagens registram momentos de trabalho coletivo que extrapolam a dimensão produtiva, configurando-se também como espaços de convivência e de transmissão de saberes entre diferentes gerações.

Figura 5 – Trabalho manual de descascar a macaxeira



Fonte: dados da pesquisa (2025)

Figura 6 – Trabalho manual para lavar e amolecer a macaxeira



Fonte: dados da pesquisa (2025)

² A Casa de Farinhada Estrada do Arroz, em Coquelândia (MA), foi construída em 2018, a partir da parceria entre a Diocese de Imperatriz, a Cáritas Brasileira e a empresa Suzano, no âmbito do projeto Rede Mandioca.

A execução manual das atividades e a organização coletiva do trabalho evidenciam a dimensão comunitária do processo produtivo, em consonância com as reflexões de Claval (2007) e Hall (2006), que compreendem a cultura e identidade como construções sociais. Nesse sentido, o ambiente da Casa de Farinha configura-se como uma paisagem cultural (Caetano; Bezzi, 2003), na qual o fazer cotidiano transforma o espaço físico em lugar de memória, pertencimento e fortalecimento dos vínculos sociais.

No espaço interno, a Casa de Farinha reúne equipamentos modernos e utensílios artesanais, como o motor elétrico utilizado na moagem das raízes (Figura 6) e o tacho empregado na torra da massa (Figura 7), evidenciando a convivência entre inovação técnica e permanência cultural no processo produtivo.

Figura 6 – Triturador elétrico



Fonte: dados da pesquisa (2025)

Figura 7 –Tacho para torra da massa



Fonte: dados da pesquisa (2025)

A observação dessas etapas permitiu compreender o território vivido como espaço educativo, no qual o aprendizado ocorre de forma situada e contextualizada. A interação entre produtores e alunos reforçou a compreensão da farinhada como prática coletiva e formativa, articulando saberes tradicionais e conhecimento escolar.

Durante a visita, os alunos acompanharam as diferentes etapas da produção, observaram a organização do espaço e interagiram com os trabalhadores. Mesmo residindo no povoado, muitos desconheciam o funcionamento da casa de farinha, o que se evidenciou nos registros em caderno de campo: “Eu passo aqui para ir para escola, mas nunca entrei aqui. Não sabia como funciona” (Aluno, caderno de campo,

2025). Outro aluno relatou que “não sabia que para fazer farinha tinha que fazer tanta coisa” (Aluno, caderno de campo, 2025).

Esses registros indicam que a proximidade espacial com determinado fenômeno não garante, por si só, sua compreensão. O desconhecimento inicial dos alunos revela um distanciamento entre a vivência cotidiana e o entendimento das práticas locais.

Por outro lado, três alunos demonstraram maior familiaridade com a atividade, especialmente aqueles que participam da produção em âmbito familiar: “Eu conheço tudo aqui, venho ajudar meu pai a fazer farinha” (Aluno, caderno de campo, 2025).

A coexistência dessas experiências evidencia que, mesmo em um território compartilhado, as experiências não são homogêneas, sendo atravessadas por relações familiares, práticas cotidianas e formas de inserção no trabalho local.

A atividade de campo possibilitou que conceitos abstratos da Geografia, como território, cultura e trabalho, fossem compreendidos a partir de sua materialização no espaço vivido. Ao articular teoria e prática, a atividade favoreceu a construção de significados a partir da realidade local, deslocando o aprendizado de uma abordagem exclusivamente expositiva.

Nesse sentido, o território vivido assume papel central como recurso didático, ao permitir que o ensino se ancore nas experiências concretas dos sujeitos (Callai, 2004; Freire, 1996). A atividade extensionista, nesse contexto, não apenas para a compreensão dos conteúdos, mas também para o reconhecimento do valor dos saberes locais.

Além disso, a diversidade de experiências entre os alunos evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas que considerem essa heterogeneidade. A atividade de campo, ao proporcionar uma experiência comum a todos, cria condições para a construção coletiva do conhecimento, ao mesmo tempo em que valoriza as diferentes trajetórias.

De modo geral, os resultados indicam que a inserção dos alunos em práticas do território contribui para uma aprendizagem mais contextualizada. A casa de farinha, nesse contexto, deixa de ser apenas um elemento da paisagem e passa a constituir-se como recurso pedagógico, potencializando a compreensão das dinâmicas espaciais e culturais.

Ao mesmo tempo, a análise evidenciou limites na articulação entre o currículo escolar e o contexto sociocultural dos alunos. Embora a ação extensionista tenha aproximado esses universos, revelou também dificuldades do ensino tradicional em incorporar os saberes locais de forma sistemática.

Essa tensão manifesta-se na diferença entre o saber tradicional, transmitido de forma coletiva, oral e experiencial, e o currículo escolar, frequentemente estruturado de maneira fragmentada e abstrata. Durante as atividades, essa desconexão tornou-se perceptível quando os conteúdos escolares não dialogavam diretamente com os conhecimentos apresentados pela comunidade, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas mais integradas ao contexto local.

DIMENSÃO ACADÊMICA

A participação dos discentes do curso de Geografia Licenciatura no desenvolvimento do projeto envolveu diferentes etapas, desde o planejamento das atividades até a execução das ações no povoado de Coquelândia. Nesse processo, atuaram na organização da atividade de campo, na mediação entre os alunos da educação básica e os trabalhadores da casa de farinha, bem como no registro das observações por meio de caderno de campo e relatos.

Essa atuação possibilitou o contato direto com a realidade local, permitindo vivenciar situações que extrapolam o ambiente da sala de aula. A experiência mobilizou habilidades relacionadas à observação, escuta, interpretação e sistematização das informações, ao mesmo tempo em que exigiu a articulação entre conhecimentos acadêmicos e saberes presentes no território.

A análise evidencia que a participação em atividades extensionistas contribui para a formação docente ao integrar teoria e prática em situações reais. Nesse contexto, a formação ultrapassa a apropriação de conteúdos, envolvendo a leitura da realidade e a mediação entre diferentes formas de conhecimento. O contato com os trabalhadores e alunos da educação básica ampliou a compreensão sobre o papel social do professor de Geografia, especialmente na construção de práticas pedagógicas contextualizadas.

A experiência também possibilitou a mobilização dos conhecimentos acadêmicos em situações concretas, aproximando o currículo das dinâmicas do território e contribuindo para uma formação mais crítica e situada.

Ao mesmo tempo, a análise evidenciou limites relacionados às condições institucionais de desenvolvimento das ações extensionistas. Destacam-se o descompasso entre os calendários da universidade e da educação básica e a

fragilidade da articulação entre as instituições, o que dificultou a continuidade das atividades. A ausência do professor da educação básica em uma das etapas de campo também restringiu o potencial de integração entre os conteúdos curriculares e a experiência vivenciada.

De modo geral, os resultados indicam que a inserção dos discentes em atividades extensionistas favorece uma formação mais crítica e contextualizada, ao integrar teoria e prática em situações reais. A experiência contribui para o desenvolvimento de competências essenciais à atuação docente, ao mesmo tempo em que evidencia que a efetivação da extensão como componente formativo estruturante depende de condições institucionais que garantam sua continuidade e articulação com a educação básica.

TENSÕES E LIMITES

Apesar dos resultados positivos observados ao longo do desenvolvimento do projeto, a experiência também evidenciou limites e desafios que interferem na consolidação de práticas extensionistas articuladas ao ensino e à pesquisa. Entre esses aspectos, destaca-se o descompasso entre os calendários da universidade e da escola, o que dificultou a integração mais efetiva das atividades ao planejamento escolar e a continuidade das ações no contexto da educação básica.

Essa fragilidade de articulação institucional também se expressou na ausência do professor da turma durante a realização da atividade de campo, o que comprometeu, em certa medida, o aprofundamento das discussões em sala de aula e a articulação mais efetiva entre os conteúdos trabalhados e a experiência vivenciada pelos alunos. Esses elementos indicam que a efetivação da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão depende de condições institucionais que nem sempre se encontram plenamente estabelecidas.

No âmbito das dinâmicas territoriais, observou-se que a produção da farinha no povoado é atravessada por limitações estruturais que condicionam sua realização. Durante a atividade, os trabalhadores relataram dificuldades relacionadas à disponibilidade de matéria-prima e ao acesso à terra.

A Casa de Farinha passa 1, 2 meses sem funcionar porque não tem macaxeira. O pessoal planta no quintal e aí junta tudo e vem produzir.

Falta terra para produzir macaxeira (Trabalhador, registro de campo, 2025).

Essa macaxeira plantada aqui dentro [no entorno da casa de farinha] serve só para comer. É muito pouca, não dá para fazer farinha. (Trabalhador, registro de campo, 2025).

Esses relatos evidenciam que a produção da farinha não depende apenas do conhecimento técnico ou da tradição cultural, mas está diretamente condicionada a fatores estruturais, como o acesso à terra e a disponibilidade de matéria-prima, que limitam sua continuidade. Nesse sentido, a produção de farinha revela-se como prática inserida em relações econômicas e territoriais mais amplas, que extrapolam o âmbito local.

Além dessas limitações, emergiram percepções relacionadas à continuidade da prática entre as novas gerações, indicando mudanças nas formas de inserção social e no modo de vida rural.

É importante que os alunos conheçam a história da gente, que saibam como produzir, porque essa juventude não se interessa em dar continuidade à produção de farinha. Todo mundo quer sair daqui e ir para Imperatriz para trabalhar em outra coisa. (Trabalhador, registro de campo, 2025).

Esse relato explicita uma tensão entre a valorização dos saberes tradicionais e as transformações socioeconômicas que influenciam as escolhas dos jovens, apontando para possíveis discontinuidades na reprodução dessa prática. A busca por outras oportunidades de trabalho fora do povoado evidencia mudanças nas dinâmicas territoriais e nas expectativas das novas gerações.

A análise conjunta desses elementos permite compreender que a Casa de Farinha está inserida em um contexto de transformações que tensionam sua permanência enquanto prática cultural e produtiva. De um lado, as limitações estruturais evidenciam condicionantes materiais que impactam a produção; de outro, as mudanças nas perspectivas de vida indicam transformações sociais que influenciam a continuidade dos saberes tradicionais.

No âmbito da extensão universitária, esses limites não se configuram apenas como dificuldades operacionais, mas como parte constitutiva da própria experiência investigativa. Ao evidenciar os desafios de articulação institucional e as contradições do território, a análise reforça que a implementação de práticas pedagógicas territorializadas exige o reconhecimento da complexidade dos contextos locais.

De modo geral, os limites identificados não invalidam a experiência, mas a qualificam como campo de aprendizagem e reflexão crítica. Ao revelar tensões entre instituição, território e sujeitos, o estudo contribui para compreender a extensão universitária para além de sua dimensão normativa, evidenciando-a como processo em construção, marcado por avanços e desafios.

Essa compreensão reforça a necessidade de pensar a curricularização da extensão não apenas como cumprimento de carga horária, mas como processo contínuo de diálogo entre universidade, escola e comunidade. Ao explicitar tanto os avanços quanto os limites da experiência, o estudo amplia o debate sobre o papel da extensão na construção de práticas pedagógicas mais contextualizadas e socialmente comprometidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo evidenciam que a produção de farinha no povoado Coquelândia constitui uma prática que articula dimensões produtivas, culturais e educativas, permitindo compreender a Casa de Farinha como espaço de organização social e de produção de sentidos no território. A análise do processo produtivo, do contexto sociocultural e das percepções de produtores e alunos da educação básica possibilitou atingir os objetivos propostos, ao evidenciar a centralidade da farinha na construção de referências territoriais e identitárias.

No âmbito educativo, a experiência demonstrou que a articulação entre escola, universidade e comunidade contribui para a construção de aprendizagens mais contextualizadas, ao aproximar o ensino de Geografia da realidade vivida pelos alunos. De forma complementar, a participação dos discentes da graduação evidenciou o potencial da extensão universitária na formação docente, ao possibilitar a integração entre teoria e prática em situações concretas.

Ao mesmo tempo, o estudo revelou limites relacionados às condições institucionais de desenvolvimento das ações extensionistas, especialmente no que se refere à articulação entre universidade e escola, bem como às condições materiais e sociais que influenciam a continuidade da produção de farinha no povoado, indicando transformações nas dinâmicas territoriais e nos modos de reprodução dessa prática.

No que se refere à extensão universitária, o estudo evidencia que sua efetivação, embora prevista como diretriz institucional, ainda enfrenta desafios

relacionados à articulação entre universidade e escola. O descompasso entre calendários, a fragilidade de vínculos institucionais e a ausência de acompanhamento docente da educação básica em determinadas etapas da atividade revelam limites que impactam a continuidade e o alcance das ações extensionistas.

Por fim, os resultados indicam a necessidade de ampliar estudos que articulem práticas culturais locais e ensino de Geografia, especialmente no contexto da extensão universitária, contribuindo para o desenvolvimento de propostas pedagógicas mais contextualizadas e socialmente referenciadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire: a educação, a cultura e a universidade. Memória de uma história de cinquenta anos atrás. **EJA em Debate**, Florianópolis, ano 3, n. 4, p. 57-74, jul. 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília, DF: CNE, 2018.

CAETANO, Jessica Nene; BEZZI, Meri Lourdes. Reflexão na geografia cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 15, n. 3, p. 561–584, 2003.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LINHARES, Anny da Silva; SANTOS, Clarissa Vieira dos. A Casa de Farinha é a minha morada: transformações e permanências na produção de farinha em uma comunidade rural na região do Baixo-Tocantins/PA. **Agricultura Familiar**, Belém-PA, n. 10, p. 53–66, dez. 2014.

MARQUES, Adílio Teixeira; FORTES, Mírcia Ribeiro. A produção de farinha de mandioca na comunidade do Caiozinho, Itapiranga/AM, Brasil. **Revista Verde Grande**, v. 5, n. 2, p. 35-49, 2023.

SILVA, Efigênia Rocha Barreto da; LIMA-PAYAYÁ, Jamile da Silva. Farinhada: geopoética de um saber-fazer comunitário. **Geograficidade**, v. 14, n. 1, p. 78–87, Verão 2024.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 2001. p. 21–55.